

**INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA**

**Gilles Ferréol**  
**Jean-Pierre Noreck**

Uma segunda leitura oferece duas perspectivas. Uma, proposta por Marcel Gauchet<sup>24</sup>, faz de Tocqueville o autor que identificou o problema identitário do século XX. Toda sociedade deve encontrar uma solução ao problema trazido pela igualização das condições num contexto de desigualdades de fato: como manter a alteridade, a diferenciação entre os indivíduos, atenuando as desigualdades? A sociedade ocidental fez do Estado seu mandatário para preencher essa função. Este, assim, torna-se o único "Outro" legítimo e reconhecido pela sociedade, aquele que divide e separa, mas também aquele que garante o pertencimento em comum, o Estado "providência" do elo social sempre ameaçado. A outra perspectiva, representada por Claude Lefort<sup>25</sup>, insiste na força crítica da idéia igualitária: nada, desse momento em diante, pode ser dado como garantido. As hierarquias sociais, os valores dominantes e as instituições passam a ser matéria de debate, e foi bem isso que Tocqueville apresentou como uma necessidade e um modo de aprendizado da vida em comum.

Essa fecundidade da obra pode ser resumida em algumas regras de método? Só se pode responder negativamente, sublinhando porém, ainda uma vez, algumas proposições mestras:

- a força das idéias na análise da mudança social (a idéia igualitária, notadamente para as sociedades modernas);
- a interdependência das instituições, dos costumes e das representações mentais de uma dada sociedade;
- o caráter aberto do devir histórico: para Tocqueville, as sociedades democráticas podem evoluir seja rumo a uma tirania, suave ou dura, seja rumo a uma sociedade "virtuosa" que realizaria a combinação ideal entre igualdade e liberdade. Comparando Marx a Tocqueville, François Furet conclui: "Tocqueville, analisando a igualdade não como uma situação, mas como um princípio, um conjunto de paixões, uma dinâmica política indefinida, leva, sobre Marx, uma dupla vantagem. Situa-se precisamente na história de uma promessa aberta para a Europa pela Revolução Francesa, e da qual a América nos mostrou os principais traços, e busca compreender não as causas, mas suas conseqüências. Assim fazendo, apostou numa vitória: a saber, que o universo da igualdade e os comportamentos a que induziu são fenômenos duradouros, irreversíveis e determinantes para o futuro. Foi nessa medida que analisou, já àquele tempo, o mundo em que ainda hoje vivemos".<sup>26</sup>

### 3.2. O homem "racional" e suas contradições: Weber

#### *Um burguês cético*

Max Weber (1864-1920) veio de uma família da burguesia protestante da Vestfália; seu pai, jurista liberal, descendia de uma linhagem de industriais e de nego-

24. M. Gauchet, "Tocqueville, l'Amérique et nous", *Libre*, n.º 7, 1980.

25. C. Lefort, *Essais sur le politique*, Paris, Seuil, 1986.

26. F. Furet, Introdução a *De la démocratie en Amérique*, Paris, Flammarion, 1981, p. 43.

cientes tẽx  
te carreira

Depoi  
professor e  
Organizou  
tos público  
sultor dur  
redigir a C

A soci  
Alemanha  
durkheim:  
ências da  
controvérs

O pri  
infinito e i  
natureza tí  
Tais repeti  
universais;  
uso de um  
batizadas r  
manas, est

Trata-  
pela análise  
condições  
método exp  
repetição h  
uma variáv  
cedimento  
correm tod  
evitar uma  
ramentas d

A singularit

Dois p  
Max V  
dinâmica s  
lização das  
binação me  
princípio. /  
um aspect  
significado  
vida social.

Como  
unívocas. C

ita por Marcel  
identitário do  
a trazido pela  
como manter a  
igualdades? A  
r essa função.  
ela sociedade,  
encimento em  
outra perspec-  
éia igualitária:  
As hierarquias  
ia de debate, e  
um modo de

de método? Só  
vez, algumas

itária, notada-

ntações men-

ides democrá-  
o a uma socie-  
erdade. Com-  
analizando a  
junto de pai-  
vantagem. Si-  
pa pela Revo-  
e busca com-  
itou numa vi-  
ie induziu são  
i nessa medi-  
s".<sup>26</sup>

tante da Vest-  
is e de nego-

ciantes têxteis. Burguês, e reivindicando-se como tal, Weber construiu uma brilhante carreira universitária.

Depois dos estudos de Direito, História, Economia, Filosofia e Teologia, foi professor em Berlim (1891), Friburgo (1894), Heidelberg (1896) e Munique (1919). Organizou a Associação Alemã de Sociologia. Preocupado em participar dos assuntos públicos, não logrou, porém, ocupar um posto de relevância. Foi nomeado consultor durante a guerra de 1914-1918, participando da comissão encarregada de redigir a Constituição da República de Weimar.

A sociologia de Max Weber é indissociável dos debates teóricos em voga na Alemanha naquela virada de século. Muito mais que na França, onde a escola durkheimiana conquistou seu espaço como "física social", a distinção entre ciências da natureza e ciências da cultura, ou do espírito, ali suscitou inúmeras controvérsias.

O princípio de conhecimento é o mesmo: o mundo sensível apresenta-se como infinito e inesgotável. As ciências buscam ultrapassar esse infinito. As ciências da natureza têm por objeto os fenômenos que se repetem sem intervenção humana. Tais repetições justificam certas relações de causalidade, que podem conduzir a leis universais; as relações são estudadas em laboratório e sua formulação presta-se ao uso de uma modelização matemática. As ciências da cultura e do espírito, porém, batizadas na segunda metade do século XIX como ciências sociais ou ciências humanas, estudam "fatos" de outra "natureza".

Trata-se de ações, de projetos individuais ou coletivos, irredutíveis à explicação pela análise das causas "mecânicas" e "exteriores" que possam tê-los produzido. As condições de verificação das proposições teóricas podem tomar por referência o método experimental. Mas isso implica algumas acrobacias conceituais: não há nem repetição histórica de acontecimentos idênticos nem possibilidade alguma de isolar uma variável. Compreender as ações humanas e explicar fatos naturais não são procedimentos da mesma ordem (cf. o capítulo 2). Tais debates epistemológicos percorrem toda a obra de Max Weber. Este buscou resolver a seguinte antinomia: como evitar uma explicação total ou estabelecer "leis sociais" e, ainda assim, elaborar ferramentas de investigação que conduzam a resultados aceitáveis por todos?

#### *A singularidade da sociedade moderna*

Dois princípios revelam a essência das sociedades ocidentais contemporâneas.

Max Weber vê na racionalização das ações a chave explicativa e o motor da dinâmica social. Não se trata do triunfo da Razão como valor, mas de uma formalização das finalidades da ação, dos meios para alcançá-la e da busca de sua combinação mais eficaz. A economia constitui o campo privilegiado para elaborar esse princípio. A abordagem adotada por Weber lembra a usada por Tocqueville: isolar um aspecto da modernidade presente em outras sociedades, conferindo-lhe um significado determinante, e depois estudar sua ação sobre todos os aspectos da vida social.

Como o princípio da igualdade de Tocqueville, essas conseqüências não são unívocas. O princípio de racionalização foi, historicamente, fonte de emancipação,

de autonomia e de progresso econômico para os atores sociais. Mas ele contém em germe a origem de uma possível tirania: a da organização reificada, pois a racionalização não tem sentido em si mesma. Está a serviço de valores que, apenas eles, emprestam sentido à existência humana.

A racionalização das ações sociais em todos os campos da sociedade contaminou e minou os fundamentos dos valores, em particular os da religião.

Ao princípio de racionalização corresponde, como um duplo inseparável, o desencantamento do mundo. O homem é um ser de crença e de fé, e o elo social, uma relação simbólica que mobiliza mais a imaginação e as emoções que a própria razão. A fragilização dos valores morais e estéticos provoca uma imensa insatisfação, marca do homem moderno, bem como uma nova repartição dos "investimentos passionais": "O destino de nossa época caracterizada pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo desencantamento do mundo conduziu os seres humanos a banirem os valores supremos mais sublimes da vida pública. Eles encontraram refúgio tanto no reino transcendente da vida mística quanto na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados. Não há nada de fortuito no fato de que, em nossos dias, encontramos unicamente nos pequenos círculos comunitários, no contato de homem a homem, em *pianissimo*, algo que poderia corresponder ao *pneuma* profético que abraçava outrora as grandes comunidades e as soldava numa só união" (*Ciência e política: duas vocações*)<sup>27</sup>. Podemos encontrar essa mesma tensão antropológica entre a racionalidade e a irracionalidade das condutas como pano de fundo dos paradigmas sociológicos clássicos. Max Weber daí retirou duas lições. A primeira levou-o a introduzir conceitos como o de *carisma* (cf. o capítulo 8) para ilustrar a importância das representações do mundo que com frequência se difundem na sociedade de maneira irracional. A segunda fez com que insistisse no princípio de *legitimidade*, fundamento último do elo social, e difícil de ser definida: "Uma fé interior acrescida à violência exterior, em proporções variadas: eis a fórmula da legitimidade" (Serge Moscovici, *A máquina de fazer deuses*)<sup>28</sup>.

### *Uma sociologia da ação social*

Max Weber não define os atos sociais como coisas ou mecanismos, mas como interações entre comportamentos individuais que obedecem a motivações e a interesses que precisam ser reconstituídos. Os substitutos metodológicos tomados de empréstimo às ciências da natureza, como as ferramentas e a modelização matemáticas, são fundamentalmente inaptos para justificar o estabelecimento de leis comparáveis às leis físicas. O sociólogo deve buscar compreender as interações sociais e seus resultados.

É ação, segundo a definição de Weber, toda conduta à qual o indivíduo associa um significado. Ela se torna social quando o sentido da ação individual é relacionado às ações de um ou de vários atores. A ação social motiva sua ação antecipando a

27. M. Weber, *Le savant et le politique*, trad. francesa, Paris, UGE, 1963, p. 96.

28. S. Moscovici, *La machine à faire des dieux*, Paris, Fayard, 1988, p. 241.

dos outros, sim fazendo pode descer dos das aç um lado, su se associa p sos, resulta Se é vã tas regulari resultado d des do agir. (cf. o capítu

### *Uma ferramenta*

A socie duais. Não respeito de generalizaç das motiva "científico";

Essa ex tentou defir em todos os que buscara Weber, ao c de um com sistema de Assim, o Es nem a pesso mentos jurí na mente" e que, à prime

A defin um ideal-tip deando-se u encontra às lugar algum. ralmente pa ciências soci conjunto do nantes em u relações abst

29. M. Weber, *Ess*

Def. artificial

Proc

dos outros, isto é, a probabilidade de obter tal comportamento em tal situação. Assim fazendo, o sociólogo postula implicitamente que, em toda ação observada, se pode descobrir uma racionalidade ou, ao menos, uma inteligibilidade. Os resultados das ações individuais não são necessariamente conformes aos fins iniciais. De um lado, sua agregação coloca problemas específicos; de outro, o sentido que a elas se associa pode modificar-se com o tempo (necessidade de estabelecer compromissos, resultados que transformam as antecipações...).

Se é vão buscar leis da natureza social, é possível, no entanto, estabelecer certas regularidades: em tal ou qual situação, as probabilidades antecipadas sobre o resultado das ações limitam a algumas grandes categorias a gama das possibilidades do agir. Veremos a aplicação dessas proposições na análise da estrutura social (cf. o capítulo 3).

Uma ferramenta metodológica particular: o ideal-tipo

T. I.

A sociologia da ação social acentua a compreensão do sentido das ações individuais. Não se trata, por isso, de confiar necessariamente nos discursos dos atores a respeito de suas práticas. Aliás, o sentido individual da ação parece escapar a toda generalização, e a fortiori a toda universalização, e perde-se na exposição arbitrária das motivações. Para escapar à relatividade das descrições e fundar um método "científico", Max Weber propôs ferramentas de investigação: os ideais-tipos.

Essa exigência de método difere das regras enunciadas por Durkheim, o qual tentou definir um fenômeno social por suas características mais gerais observáveis em todos os tipos de sociedade. Opõe-se também aos projetos de Marx e de Comte, que buscaram elaborar uma teoria geral capaz de dar conta de todos os fenômenos. Weber, ao contrário, busca compreender o que faz a singularidade de uma situação, de um comportamento, de um período... E, para tanto, distingue, em cada caso, um sistema de relações inteligíveis que "faz sentido" para o ator e para o observador. Assim, o Estado, a família, o capitalismo ou a religião não podem ser associados nem a pessoas coletivas que dispõem de uma vontade própria nem mesmo a instrumentos jurídicos ou a entidades sociais, mas a modelos, "representações que flutuam na mente" e das quais se podem retirar alguns traços principais para organizar o que, à primeira vista, apresenta-se de modo confuso e contraditório.

A definição de ideal-tipo comporta alguns problemas. Para Weber, "obtem-se um ideal-tipo acentuando-se unilateralmente um ou vários pontos de vista e encadeando-se uma multiplicidade de fenômenos isolados, difusos e discretos, que se encontra às vezes em grande número, às vezes em pequeno número, às vezes em lugar algum, e se ordena segundo os precedentes pontos de vista escolhidos unilateralmente para compor um quadro de pensamento homogêneo" (Sobre a teoria das ciências sociais)<sup>29</sup>. Não se trata nem de um modelo no sentido axiológico, ou seja, o conjunto dos valores desejáveis, nem da exposição das normas das práticas dominantes em um momento dado. O ideal-tipo representa um "misto" de noções, de relações abstratas e de dados históricos observados. A construção obedece a uma

+  
- Proc.  
- Mot.  
- Hist.  
- 51 anos  
- 10/11/11

29. M. Weber, *Essais sur la théorie de la science*, trad. francesa, Paris, Plon, p. 181.

preocupação de simplicidade (esclarecer os projetos dos atores, suas coerções), a uma exigência de coerência interna e de visibilidade (escolher situações fortemente contrastadas, mais que situações medianas).

Os ideais-tipos dizem respeito a objetos de estudo heterogêneos. Max Weber retém aqueles que resultam de um encadeamento particular de motivações e de práticas (o empreendedor, o burocrata, o protestante), de relações sociais (relações mercantis, relações de dominação), de grupos e entidades globais (o Estado, a cidade, o espírito do capitalismo). O método consiste em utilizar esses tipos como ponto de vista para compreender uma situação historicamente observada. A dificuldade provém dos contornos moveidões dessas definições e das relações a estabelecer entre pontos de vista heterogêneos. Weber insiste na relatividade dos valores do pesquisador tanto quanto naquela dos sujeitos observados. Mas, então, como apreender situações históricas individualizadas sem explicá-las por conceitos definitivos e a elas conferindo um sentido que ultrapassa o marco do acontecimento?

O sentido provém de comparações tornadas possíveis pela construção desses ideais-tipos. As práticas observadas são portanto analisadas diferenciando-as dos modelos construídos racionalmente pelo pesquisador, sendo o ideal trazer os tipos gerais (o Estado, a burocracia, a cidade) aos comportamentos individuais (o burocrata, o cidadão, o empreendedor de ofício). Tropeça-se, contudo, na seguinte problemática: a burocracia e as trocas mercantis são o produto de comportamentos individuais racionais (burocráticos, mercantis) ou, inversamente, o aparecimento e a difusão de universos burocráticos e mercantis é que teriam criado as normas e os valores pelos quais se julgam racionais comportamentos particulares? O sentido de uma conduta pode ser isolado do conjunto dos significados operados no seio de uma sociedade dada?

Esses questionamentos estão presentes nos escritos de Max Weber. Este escolheu postular a primazia da leitura racional. Trata-se de reconstituir certas chaves que tornam inteligíveis práticas aparentemente irracionais. Assim, o comportamento faustoso dos senhores feudais parece irracional segundo um princípio estritamente econômico, mas não no âmbito de uma sociedade em que tal grupo, ameaçado em seu poder, acentuou sua auto-afirmação social para preservar sua identidade e sua diferença, ao mesmo tempo que precipitou, pelo mesmo motivo, seu próprio declínio. O mesmo se dá com o especulador da bolsa cuja conduta pode ser comparada à do empreendedor de ofício que mobiliza racionalmente os meios para obter um ganho: reagindo racionalmente a eventos inesperados, o especulador provoca um conjunto de efeitos em cadeia que podem levá-lo ao *crack*.

### *Da ação às relações sociais*

Max Weber distingue quatro ideais-tipos de racionalidade na ação:

– a ação racional com relação a fins claramente definidos. O ator social sabe definir os meios que mobilizará e organizar sua combinação a fim de atingir o melhor e mais eficaz resultado. Esse tipo de ação predomina no campo da economia, mas pode também ser encontrado em outros domínios: na política, na ciência ou na religião;

– a ação  
condicionalm  
mais em conta

– a ação e  
forma ou cuja

– a ação ti  
tos ou os cost  
contrário trata

O sociólogo  
situação obser  
ber, a mudanç  
conflitos, mor  
opõem-se a ur  
nova racionaliz  
objetar que o o  
as estratégias, a  
emocionais ou

### *Das relações ao*

Se a ação a  
antecipações es  
A frequência d  
seja reconhecid  
tantes contribu  
qual, em uma s  
afiançável.

Sem entrar  
nhemos a impc  
modelos favorec  
a todo instante,  
dade forte, afeti  
mento da legitir  
disposição da at  
do racionalmen  
engajamento m

Analisando  
Weber mostra q  
ples adesão (pro  
so de comuniz

### *A explicação de*

Max Weber  
vários métodos.  
váveis: impulso

as coerções), a  
ões fortemente

os. Max Weber  
otivações e de  
ociais (relações  
Estado, a cida-  
os como pon-  
. A dificuldade  
estabelecer en-  
alores do pes-  
como apreens-  
s definitivos e  
ito?

strução desses  
ciando-as dos  
trazer os tipos  
luais (o buro-  
seguinte pro-  
portamentos  
parecimento e  
s normas e os  
O sentido de  
os no seio de

er. Este esco-  
certas chaves  
mportamen-  
cípio estrita-  
grupo, amea-  
sua identida-  
ivo, seu pró-  
uta pode ser  
s meios para  
culador pro-

:  
: social sabe  
de atingir o  
o da econo-  
ica, na ciên-

– a *ação racional com relação a valores*. A submissão a um valor afirmado incondicionalmente (a honra, a fé...) produz um comprometimento que não leva mais em conta as conseqüências da ação;

– a *ação emocional ou com relação a afetos*. Trata-se mais de uma reação, cuja forma ou cuja finalidade não são refletidas: disputas, impulsos, gestos cotidianos;

– a *ação tradicional*. A ação é quase mecânica. O autor respeita os usos, os hábitos ou os costumes sem que esses termos sejam valorizados por si mesmos, caso contrário tratar-se-ia de uma ação racional com relação a um valor: a tradição.

O sociólogo busca encontrar o modelo mais pertinente para compreender a situação observada. Na prática, as motivações se justapõem e se sucedem. Para Weber, a mudança social é compreendida como uma alternância entre períodos de conflitos, momentos durante os quais uma racionalidade ou adesão a valores opõem-se a uma racionalidade formal dominante, e períodos rotineiros em que a nova racionalidade se transforma em um sistema de regras e de normas. É possível objetar que o observador pode constituir *a posteriori* e de modo arbitrário os fins e as estratégias, ao passo que, nos fatos, a maioria das ações obedeceria a motivações emocionais ou devidas à pressão do grupo.

#### *Das relações aos agrupamentos*

Se a ação apresenta uma certa regularidade, se ela se repete, ela permite então antecipações estáveis que favorecem as relações sociais. Grupos podem se formar. A freqüência de tal ou qual ação não basta para impô-la; é preciso ainda que ela seja reconhecida como *legítima*. A questão da legitimidade é uma das mais importantes contribuições da sociologia weberiana. Analisemos então a maneira pela qual, em uma situação dada, um dos sentidos possíveis impõe-se como o único afiançável.

Sem entrar nos detalhes das sucessivas tipologias propostas por Weber, sublinhemos a importância concedida pelo autor à dinâmica das relações sociais. Tais modelos favorecem a compreensão, mas o elo social não é estático, ele se reconstitui a todo instante, sem cessar. Weber opõe o processo de “comunalização” (solidariedade forte, afetiva, entre os atores: família, sindicato...) ao de “sociação” (reconhecimento da legitimidade racional da ação: empresa, burocracia, mercado), “quando a disposição da atividade social se funda sobre um compromisso de interesse motivado racionalmente (em valor ou em fins) ou sobre uma coordenação racional por engajamento mútuo”. Esses dois tipos de relação social são combinados.

Analisando as formas de sociação dominantes nas cidades da Idade Média, Weber mostra que cada indivíduo pode tornar-se cidadão de uma cidade por simples adesão (processo de sociação) e ainda integrar-se em uma corporação (processo de comunalização).

#### *A explicação de uma ruptura histórica: o nascimento do capitalismo ocidental*

Max Weber explica o surgimento e a difusão do capitalismo ocidental segundo vários métodos. O primeiro repousa na análise histórica das diferentes causas prováveis: impulso das relações mercantis, assalariamento, burocratização de certas ati-

	Socialização comunitária	Socialização societária
Caráter da ação	Rotina, afeto, racionalidade em valor	Racionalidade com relação a fins
Relação social dominante	Solidariedade herdada	Acordo por engajamento mútuo voluntário
Fundamento da regularidade	Costume	
Ordem legítima	Crença religiosa Abandono ao líder Fé nos valores	Convenções Direito
Forma de legitimidade	Tradicional/carismática	Racional/legal
Exemplos de agrupamentos	Família, nação...	Instituições, associações, empresas...

vidades... Tais fenômenos criaram contextos específicos, como a cidade da Idade Média. Esses espaços favoreceram a emergência de novos projetos, repousando sobre legitimidades diversas: aquela dos cidadãos da cidade por exemplo. O segundo, mais original, mostra como fenômenos que, *a priori*, não tinham nada em comum puderam criar uma força nova capaz de introduzir mudanças decisivas. Assim ocorreu com o encontro entre a ética protestante e o espírito do capitalismo.

Uma primeira versão de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* foi publicada em 1904–1905. Max Weber estava então no auge de sua carreira. Perguntando-se sobre os tempos modernos, marcados pela expansão do capitalismo ocidental, opôs-se aos autores que atribuem à História um sentido em si mesma. Se não há sentido na História, então as práticas sociais devem conter um sentido para aquele que age. Esse sentido é dado pela elaboração de uma concepção geral da existência na qual as crenças religiosas possuem uma particular importância. Só, talvez, as crenças criam uma coerência total e suscitam uma energia capaz de transcender e transformar a ordem social existente.

Nessa obra, a questão não é tanto analisar o nascimento e o desenvolvimento do capitalismo como sistema econômico. Trata-se mais de compreender o encadeamento de forças e de idéias que permitiu a emergência desse motor: o espírito do capitalismo. Este retira sua legitimidade da ética protestante e empresta sentido à história dos homens. O capitalismo moderno não apenas modifica as relações econômicas e sociais mas ainda inventa uma nova ética que derrubará as práticas tradicionais e permitirá o surgimento de forças produtivas sem equivalente na história da humanidade. A “lição das coisas sociais”, dada por Weber, assim pode ser resumida: “O presente estudo poderia sem dúvida contribuir, por sua parte modesta, para dar a compreender o modo pelo qual as ‘idéias’ se tornam forças históricas eficazes”

(A ética pr  
complexo e  
tos “econôm  
análise torn  
e finalista d:

*O que é o es*

Max We  
Ocidente. A  
novos comp  
“costumes”:

Tamanh  
novos valore  
nós como c  
econômicas  
mudações, es  
vez vêm à t  
odos de tran:

Aquele c  
so de adapta  
modelaram r  
mo modo, cu  
da”: o conjun  
do grupo con  
e constangir  
época não o  
novas prática  
lisar as forças  
corresponde  
vidos à difusã  
interpretação

Essas for  
cisamente a o  
vel, a prática  
do lucro pode  
de acumulaçã  
Esse novo esp  
talismo mode  
exercício de ur  
tado por uma  
por isso fazê-l

30. M. Weber, *L'éthique*  
31. *L'éthique...*, p. 80  
32. *L'éthique...*, p. 66

(A ética protestante e o espírito do capitalismo)<sup>30</sup>. A compreensão desse percurso complexo e, *a priori*, nada inelutável, que conduz da convicção aos comportamentos “econômicos” cotidianos, passando por processos psicológicos cujos motores a análise tornou inteligível, afasta-se por completo de qualquer explicação dogmática e finalista das condutas individuais.

O que é o espírito do capitalismo? 1500

Max Weber data do século XVI o desenvolvimento do capitalismo moderno no Ocidente. Até o século XVIII, desenvolveram-se na Europa e depois na América novos comportamentos econômicos legitimados por valores que se impuseram aos “costumes”: a poupança, a disciplina e a consciência profissional. *Audubon*

Tamanha novidade nos é hoje dificilmente discernível. O capitalismo difundiu novos valores e novas normas que se tornaram tão familiares que agem agora sobre nós como coerções imperceptíveis. Um empreendimento que renegue as “normas econômicas e sociais” dominantes está fadado à falência. Hoje, em um período de mudanças, esses valores sociais, fundamento do liberalismo econômico, mais uma vez vêm à tona. Logo veremos, quem sabe, surgir uma nova ética religiosa? Os períodos de transição são propícios ao retorno às origens.

Aquele contexto fizera nascer motivações e rejeições que provocaram o processo de adaptação e de exclusão. Localizar o encadeamento das circunstâncias que modelaram nosso universo “mental” é uma das tarefas das ciências sociais. Do mesmo modo, cumpre esclarecer o que Karl Polanyi chamou a “dimensão subentendida”: o conjunto das conclusões e das opiniões que são recebidas por um determinado grupo como evidentes. Uma ordem social amplia-se com seu sistema de coações e constrangimentos que permitem sua reprodução. O que parece “sensato” a uma época não o é mais na época seguinte. O significado das palavras incorpora-se em novas práticas, e essas práticas modificam os significados originais dos termos. Analisar as forças mentais que permitiram a uma elite romper os laços tradicionais corresponde a localizar as rupturas significativas e os deslocamentos de sentido devidos à difusão das mudanças no conjunto da sociedade. É, assim, recusar qualquer interpretação em termos de continuidade histórica.

Essas forças contêm um elemento irracional, e “o que nos interessa aqui é precisamente a origem desse elemento irracional”.<sup>31</sup> Será irracional, mas não ininteligível, a prática que vai de encontro ao conjunto das práticas “normais”. Se o atrativo do lucro pode ser encontrado em todas as sociedades e em todas as épocas, o desejo de acumulação como um fim em si mesma foi próprio ao capitalismo ocidental. Esse novo espírito (“Empregaremos provisoriamente a expressão ‘espírito do capitalismo moderno’ para caracterizar a busca racional e sistemática do lucro pelo exercício de uma profissão”<sup>32</sup>) prevalecerá sobre o desejo de enriquecimento orientado por uma preocupação de ascensão social ou por uma vontade de poder, sem por isso fazê-las desaparecer de todo.

30. M. Weber, *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, trad. francesa, Paris, Plon, 1964, p. 102.

31. *L'éthique...*, p. 80.

32. *L'éthique...*, p. 66.

*do mundo = viver para trabalhar*

Tratava-se de favorecer uma nova ética, no sentido de regras morais coercitivas e absolutas que devem apoderar-se de todos os aspectos e de todos os momentos da vida cotidiana. Esse novo *éthos* questionou o sistema de valores tradicionais. Pareceram “insensatos” e um abandono do dever os comportamentos que faziam das recompensas materiais obtidas pelo trabalho uma finalidade em si mesma. Desse momento em diante, era preciso viver para trabalhar e não mais trabalhar para viver. “Na verdade, essa idéia particular, hoje para nós tão familiar, mas na realidade muito pouco evidente, de que o dever se cumpre no exercício de um ofício, de uma profissão, é característica da ética social da civilização capitalista, em certo sentido, ela é seu próprio fundamento.”<sup>33</sup> Essa idéia permitiu um desvio das energias que passaram a ser investidas em atividades outrora pouco valorizadas. Uma nova coerência instalou-se e, partindo de minorias ativas, atingiu pouco a pouco todas as camadas da sociedade.

Assim, uma elite operária passou a trabalhar por “consciência profissional”, pondo fim ao impasse no qual se encontravam os capitães de indústria: ou aumentar os salários, a fim de aumentar o trabalho fornecido e, diante desse aumento dos rendimentos, verem os operários limitar seus esforços (processo longamente denunciado no século XIX), ou diminuir os salários, obrigando os operários a trabalhar mais para obter os mesmos ganhos, mas com o risco de comprometer suas capacidades físicas e intelectuais e, finalmente, suas motivações. Essa consciência profissional difundiu-se e impregnou todos os comportamentos, muito embora grande parte dos operários não a relacionasse claramente a uma obrigação espiritual. Os chefes de empresa foram presas do mesmo movimento. Não se tratava mais de explorar uma mão-de-obra ignorante por motivos egoístas, mas de buscar sucesso profissional que serviria e enriqueceria toda a sociedade.

Essa reviravolta de sentido integrou-se a uma nova concepção do mundo: “O problema maior da expansão do capitalismo moderno não é o da origem do capital, mas o do desenvolvimento do espírito do capitalismo. Onde quer que tenha se desenvolvido, onde quer que tenha sido capaz de agir por si mesmo, ele criou seu próprio capital, suas reservas monetárias e seus meios de ação, mas o inverso não foi verdadeiro”.<sup>34</sup> Por que uma tal força? O espírito do capitalismo não é compreensível em si mesmo, ele se nutre de uma ética mais fundamental: o ascetismo protestante.

#### *A congruência entre a ética protestante e o espírito do capitalismo*

As relações entre esse espírito e a ética protestante são dificilmente demonstráveis empiricamente. Os fatos, quer dizer, o pertencimento, por parte das elites econômicas da Europa e da América dos séculos XVI ao XVIII, às seitas religiosas ocupam um lugar pequeno na obra. Esses fatos, aliás, desde então vêm sendo contestados. Mais importante, para Max Weber, era demonstrar as profundas relações estabelecidas entre duas representações do mundo. Utilizou para isso o método ideal-típico e propôs dois modelos: o ideal-tipo do ascetismo protestante e o ideal-tipo do

33. *L'éthique...*, p. 51

34. *L'éthique...*, p. 71

espírito do capitalismo e o ideal-tipo

O ideal-tipo qual se generam e as seitas adições importantes do mundo ideais-tipos (tais) demonstram interna a cada resalta da interpretação a convicção religiosa

A novidade estabelecida em como conduziu Tal resultado iniciado com a generalização de absoluto tismo, remet situação tradicional do domínio de uma autoridade e penetrava totalização da condutividade Média

Essa solidão Para Weber, Deus é absoluto. Sabe, por nação deduz tou entre os

- o fatal
- a busca
- ou a busca

Os movimentos mundo para tornar essa interpretação

35. *L'éthique...*, p.

espírito do capitalismo. Estudamos anteriormente o segundo. Como é reconstituído o ideal-tipo do puritanismo?

O ideal-tipo do ascetismo protestante mescla quatro fontes: o calvinismo tal qual se generalizou na Europa ocidental no século XVIII, o pietismo, o metodismo e as seitas advindas do movimento batista. Esses movimentos apresentam diferenças importantes entre si, e Weber menciona-as, mas com base nessas quatro concepções do mundo o sociólogo recria um modelo simplificado. A relação entre os dois ideais-tipos (valores puritanos e normas de conduta dos empreendedores capitalistas) demonstra sua congruência. Esta se avalia segundo três critérios: a coerência interna a cada modelo, a estabelecida entre os modelos e o efeito explicativo que ressalta da comparação dessa tese com os fatos históricos. A inteligibilidade da interpretação aparece quando se resume o encadeamento das idéias que conduzem da convicção religiosa às práticas econômicas.

A novidade radical, introduzida pela Reforma Protestante, foi o face a face estabelecido entre o fiel e Deus. Essa diferença fundamental com relação ao catolicismo conduziu a um sentimento de solidão sem equivalente na história das religiões. Tal resultado foi produto de um antigo processo de desencantamento do mundo, iniciado com os primeiros profetas do judaísmo e continuado pelo catolicismo com a generalização do rito da penitência e do reconhecimento do poder que tem a Igreja de absolver os pecados. O questionamento desse poder, operado pelo protestantismo, remeteu o homem unicamente a si mesmo, único juiz de sua conduta. Essa situação traduziu-se em novas exigências: “A Reforma não significava a eliminação do domínio da Igreja sobre a vida de todos os dias, ela constituía, antes, a substituição de uma nova forma de dominação àquela antiga. Significou a troca de uma autoridade extremamente frouxa, praticamente inexistente à época, por outra que penetrava todos os campos da vida pública ou privada, impondo uma regulamentação da conduta infinitamente mais rigorosa, grave e severa.”<sup>35</sup> Prestar contas de todos os atos a Deus era assunto apenas para os monges no interior da Igreja na Idade Média no Ocidente. A Reforma fez de cada fiel um “monge no mundo”.

Essa solidão interior é preenchida pela angústia da salvação depois da morte. Para Weber, eis a questão existencial primordial à qual a religião deve responder. Se Deus é absoluto, transcendente e onisciente, ele “sabe” o passado, o presente e o futuro. Sabe, portanto, quem é o eleito e quem será reprovado. O dogma da predestinação deduz-se da concepção calvinista. Todo crente vive assim na inquietude: estou entre os eleitos? Três respostas psicológicas são imagináveis:

- o fatalismo (tudo já está escrito) e a passividade;
- a busca desenfreada do gozo;
- ou a busca dos sinais da eleição.

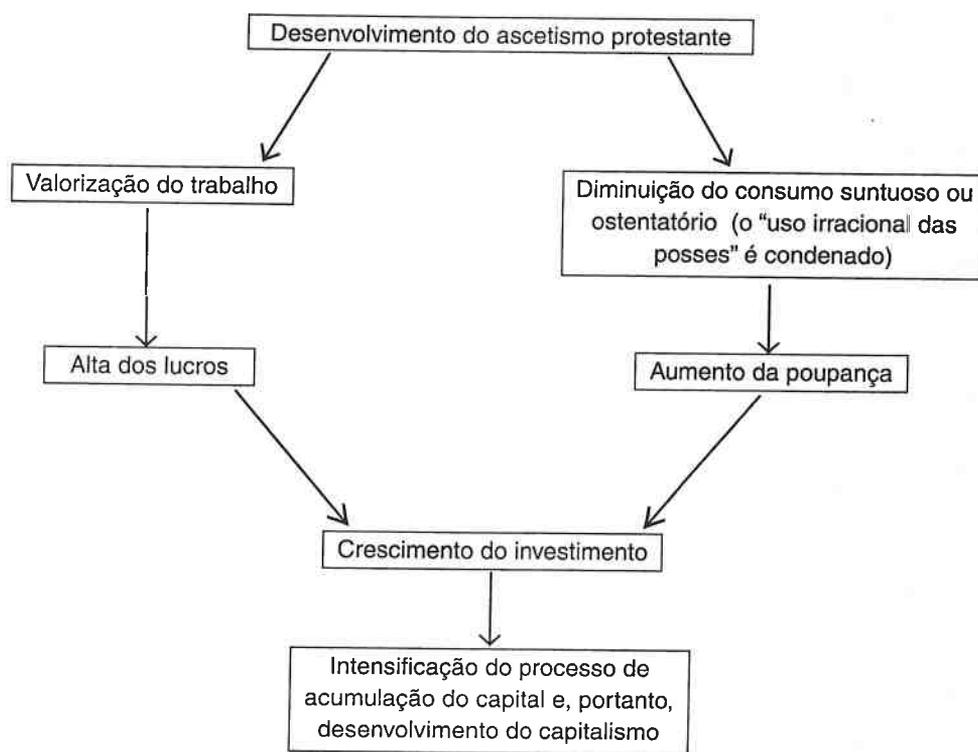
Os movimentos protestantes racionalizaram a terceira solução. Se Deus criou o mundo para sua própria glória, o destino do homem não é então trabalhar para tornar essa glória manifesta? Trabalhar para atenuar a angústia termina por ser interpretado como obediência a uma ordem de Deus. E, logicamente, o sucesso pro-

35. *L'éthique...*, p. 31.

fissional pode assim ser assimilado a um sinal possível de eleição. Essa racionalização se transmutará no século XIX em boa consciência burguesa.

A análise de Max Weber, que conduz do dogma religioso às práticas sociais segundo um processo de derivação psicológica, não pode ser aplicada senão a uma elite: "Essa combinação da crença em normas de um valor absoluto com o mais completo determinismo e com a transcendência do divino constituía, à sua maneira, uma criação social".<sup>36</sup> A expansão desses novos comportamentos repousou não apenas sobre seu poder de convicção mas também sobre a institucionalização das igrejas protestantes, que trouxe consigo uma pressão social exercida pelo conjunto da comunidade e que vem banhar-se nesse novo "universo mental". Essa pressão culminou no interior das seitas que se multiplicaram do século XVI ao século XVIII.

Assim se acham esclarecidos os processos mentais e sociais que puderam conduzir certos grupos a se consagrar exclusivamente, segundo normas racionais, à acumulação capitalista e, de modo mais geral, ao trabalho: "A repugnância ao trabalho é sintoma de uma ausência de graça".<sup>37</sup> A racionalização das condutas dirá respeito, portanto, ao uso do tempo. Malbaratar o tempo tornou-se o primeiro e o mais grave dos pecados: "O tempo é precioso, infinitamente, pois cada hora perdida é uma hora subtraída ao trabalho que concorre à glória de Deus".<sup>38</sup> Essa ética não se



36. *L'éthique...*, p. 45.  
 37. *L'éthique...*, p. 191.  
 38. *L'éthique...*, p. 89.

reproduziu e so de rotini: como novos romperam o

O projet rito do capit: nômico". Qu: aspectos do: quer ele vise determinante: ro para Weber: censão das cli: mina o "ascet

preendedores únicos portat: capitalismo, i: buscavam ele:

Weber m: res. Nota que: ram independ: que não se tra: contudo, é cla: trocas capitali: preensão dos: suem uma lóg: não experime: transcendente

Posteridade de

As formul: sociais aproxir: dernas e a raci: cimento econô: de Weber ante: berg, *A destrui:* da por um larg: estatal abando: tarefas cada ve: formal parece t: nizações intern

39. R. Aron, *La sociol*.  
 40. *L'éthique ...*, p. 67.  
 41. R. Hilberg, *La des*.

a racionaliza-

áticas sociais  
cada senão a  
soluto com o  
stituída, à sua  
entos repou-  
stitucional-  
cial exercida  
erso mental".  
o século XVI

uderam con-  
: racionais, à  
cia ao traba-  
tas dirá res-  
primeiro e o  
hora perdida  
ética não se

suntuoso ou  
cional das  
ado)

ança

reproduziu em toda a sua pureza original. Foi submetida, ela também, a um processo de rotinização e de desencantamento. Mas seu estudo permite compreender como novos valores se impuseram, à revelia dos indivíduos, gerando práticas que romperam com aquelas até então consideradas legítimas.

O projeto sociológico e histórico consiste em explicar o que representa o "espírito do capitalismo" e o modo pelo qual esse espírito deu origem ao "homem econômico". Quer esse projeto seja apenas uma explicação de "uma das causas de certos aspectos do capitalismo" (Raymond Aron, *A sociologia alemã contemporânea*)<sup>39</sup>, quer ele vise estabelecer um novo paradigma da mudança, sublinhando o papel determinante das mentalidades religiosas sobre as práticas sociais, o resultado é claro para Weber: certos traços do capitalismo moderno são compreensíveis pela ascensão das classes médias, portadoras de novos valores religiosos, que Weber denomina o "ascetismo puritano". "Veremos que no início dos tempos modernos os empreendedores capitalistas do patriarcado comercial não foram de modo algum os únicos portadores, nem os principais apóstolos, do que chamamos hoje espírito do capitalismo, mas que esse papel coube às camadas da classe média industrial que buscavam elevar-se."<sup>40</sup>

Weber multiplica as precauções metodológicas e os argumentos complementares. Nota que as formas capitalistas encontradas na Itália do Renascimento existiram independentemente do espírito do capitalismo moderno. Sublinha, sobretudo, que não se trata de substituir as explicações totais por uma nova "lei". Sua conduta, contudo, é clara. Se negligencia as desigualdades e as relações de força próprias das trocas capitalistas, demonstra por outro lado o peso das escolhas morais na compreensão dos "fatos sociais". Mesmo se não explicam o mundo, tais escolhas possuem uma lógica autônoma imperativa. Para agir, para transformar o que existe, não experimenta o homem a necessidade de criar um sistema de regras e de valores transcendentais que podem, apenas eles, imprimir-lhe a energia necessária?

#### *Posteridade de Max Weber*

As formulações de Weber a respeito da igualização das condições econômicas e sociais aproximam-se das de Tocqueville. A burocratização das organizações modernas e a racionalização das condutas criaram certas condições favoráveis ao crescimento econômico. Mais profundamente, não se confirmaram, de fato, os temores de Weber ante a hipertrofia cega das burocracias do século XX? O livro de Raul Hilberg, *A destruição dos judeus na Europa*<sup>41</sup>, já não demonstrou a loucura empreendida por um largo corpo de funcionários do Estado? Cada mola, cada engrenagem estatal abandona a finalidade intrínseca ao projeto inicial para se concentrar em tarefas cada vez mais especializadas e funcionais. Atualmente, essa racionalização formal parece triunfar grandemente, com o mercado, a ciência, o Estado e as organizações internacionais.

39. R. Aron, *La sociologie allemande contemporaine*, Paris, PUF, 1981, p. 114.

40. *L'éthique ...*, p. 67.

41. R. Hilberg, *La destruction des juifs en Europe*, trad. francesa, Paris, Fayard, 1988.

*Rouven Zaf*  
*dos países*  
Os pais fundadores - 51

A sociologia francesa redescobriu Max Weber por meio de Raymond Aron e de Julien Freund. Discutindo os fundamentos filosóficos da sociologia weberiana, Aron propunha um meio-termo entre a incompatibilidade última dos valores proclamada por Weber e a coerência necessária ao elo social postulada por Durkheim. O sociólogo não cria modelos arbitrários de conduta nem pode descobrir a explicação total da vida e do destino das sociedades. Recorre, então, a chaves de leitura pertinentes aos problemas estudados e capaz de esclarecê-los.

Atualmente, como mostrou Monique Hirschhorn (*Max Weber e a sociologia francesa*)<sup>42</sup>, grande parte dos sociólogos franceses vem se formando nos passos das idéias de Weber ou de seus princípios metodológicos. Raymond Boudon faz dele um dos antepassados privilegiados do individualismo metodológico, ao mesmo tempo que enxerga na noção de ideal-tipo apenas uma definição larga, como modelo coerente que representa uma dada situação. Pierre Bourdieu toma de empréstimo aos princípios de método de Weber as noções de legitimidade e de campo e faz uso do ideal-tipo de modo mais preciso, como construção racionalmente deduzida de princípios teóricos que permitem revelar o sentido das práticas sociais pela distância que as separa do modelo. Trata-se mesmo de uma chave de leitura que repousa sobre vários princípios:

- construir modelos ideais e confrontar a realidade empírica a essa pluralidade de ideais-tipos;
- essa confrontação leva o observador a situar-se segundo os vários pontos de vista;
- essa variedade deve ser acatada sem que se busque uma explicação totalizante e derradeira da realidade social, cujo sentido permanece, em última instância, irreduzível à explicação puramente científica.

### 3.3. O indivíduo em todas as suas facetas: Simmel

#### *Um intelectual inclassificável*

Georg Simmel (1858-1918) nasceu no mesmo ano que Durkheim, de uma família judia de Berlim, em meio próspero e cultivado. Foi professor da Universidade de Berlim durante trinta anos, mas só obteve a titularização em 1914, na Universidade de Estrasburgo. Embora estimado e reconhecido pelos intelectuais de seu tempo, passou por um longo purgatório na vida profissional. Um certo anti-semitismo e o caráter singular de sua obra contribuíram, sem dúvida, para essa marginalização.

Simmel demonstrou grande curiosidade intelectual por temas bastante diferenciados, o que o levou a assuntos heteróclitos: o dinheiro, a metrópole, o segredo, o sentido do olfato, a moda, a coqueteria... Ao inverso de outros sociólogos, Simmel não acreditava num projeto de transformação da sociedade com base em uma análise "objetiva" do social. Frequentou o mesmo círculo de Max

42. M. Hirschhorn, *Max Weber et la sociologie française*, Paris, L'Harmattan, 1988.

Weber e Durkheim das obras críticas. Foi Auguste Comte o filósofo postas pela das demais. dos Unidos No período uma síntese traduzidas por *nheiro*, publ

#### *O fundamento*

Para em apresentação Simmel, o h vida, ele cria múltiplas p: contrapõe-s e substituir indefinido i meio de um tutivas da vi

Na orig da relação s dessa forma uma relação que a fundar interior de u vidualização apresenta co diante da as público pare dutores do j nado e guiac para os parti segui-los" (l da às relação troca: a conv o jogo". (*Ibid*

43. G. Simmel, *Ph*